RESUMO
A busca por uma avaliação formativa faz com que se deixe de lado o tradicional, ou seja, busca meios para uma avaliação não-classificatória, uma avaliação que resgate valores e atitudes que contribuam para a formação do aluno como ser ativo do processo ensino-aprendizagem. A cada ano, a avaliação da aprendizagem escolar tem ganhado um lugar de destaque nas discussões de especialistas em educação, assim como por aqueles que mais a praticam no âmbito escolar: os professores. O estudo aborda a importância da avaliação no ensino-aprendizagem, tendo como objetivo buscar modelos alternativos sob o processo de como avaliar, diminuindo a ênfase da nota na avaliação. Para tal, o aporte teórico que amparou este trabalho tem como base os estudos de Haydt (1992), Libâneo (1994), Luckesi (2003), Freire (2003), Hoffmann (2009), Vasconcellos (2009), entre outros.Concluiu-se que a avaliação numa perspectiva formativa, reflexiva e diagnóstica, sendo um processo que ocorre de forma contínua com participação ativa tanto dos professores, quanto dos estudantes.

PALAVRAS-CHAVE: Avaliação. Aprendizagem. Ensino. Professor.

ABSTRACT
The search for a formative evaluation causes one to leave aside the traditional one, that is, to look for means for a non-classificatory evaluation, an evaluation that rescues values and attitudes that contribute towards the formation of the pupil as being ative in the teaching-learning process. Each year, the evaluation of school learning has gained a prominent place in the discussions of specialists in education, as well as by those who practice it most in the school environment: teachers. The study addresses the importance of evaluation in teaching-learning, aiming to seek alternative models under the process of how to evaluate, decreasing the emphasis of the grade on evaluation. To this end, the theoretical input that supported this work is based on the studies of
Haydt (1992), Libânio (1994), Luckesi (2003), Freire (2003), Hoffmann (2009), Vasconcellos (2009), among others. It was concluded that evaluation from a formative, reflective and diagnostic perspective, being a process that occurs continuously with the active participation of both teachers and students.

KEYWORDS: Evaluation. Learning. I teach. Teacher.

INTRODUÇÃO

Concebemos a avaliação da aprendizagem, como mecanismo de formar o indivíduo, respeitando suas diferenças e individualidade. O ato de avaliar não deve ocorrer somente no momento da prova, para atribuir uma nota ao possível conhecimento adquirido pelo aluno, deve ser contínuo, ocorrendo de forma processual e não em momentos estanques, que priorizam o medir e o testar.

Para Luckesi (2002), a avaliação, diferentemente da verificação, envolve um recurso que ultrapassa a obtenção da configuração do objeto, exigindo decisão do que fazer com ele. “A verificação é uma ação que “congela” o objeto; a avaliação por sua vez direciona o objeto numa trilha dinâmica de ação”.

Atualmente as avaliações continua sendo o centro das discussões na área educacional, dessa forma, elaborou o seguinte problema de estudo: A avaliação da aprendizagem na realidade investigada, está voltada para o medir e testar, ou é concebida em uma perspectiva formativa?

A escolha deste tema tem relação direta com a importância da referida temática na prática dos professores e pedagogos, pois avaliar é uma das formas de conhecer o que acontece na escola. A avaliação representa uma ação importante para o alcance de uma prática pedagógica competente, no entanto, se conhece muito pouco acerca do processo avaliativo. Apesar existir uma vasta e significativa literatura acerca da temática, e este tema atualmente fazer parte de tantas discussões, pesquisas, propostas, palestras, seminários, textos, livros, modelos, temas de

monografias, dissertações e teses, sempre será relevante estudá-lo.

Para avaliar o processo de ensino e aprendizagem, é necessário compreender que fatores de ordem social e psicológica estão intrínsecos. Diante disso, no processo avaliativo, não é possível considerar apenas um dos tipos de avaliação de aprendizagem. É importante que se considere o conjunto delas, para compreender o nível de aprendizagem em que o aluno está inserido, observando durante o período letivo as transformações vividas pelo aluno no contexto escolar, para então avaliá-lo dentro das suas possibilidades, sem causar injustiças ou danos ao mesmo.

Em síntese, a importância construtiva e diagnóstica da avaliação, meio pelo qual é possível favorecer ao discente chegar ao conhecimento e não ser excluído desse processo. Assim, esta pesquisa é embasada na compreensão de que avaliar como é um processo de investigação, contínua, formativa utilizando técnicas diversas. Desta forma, o professor avalia a situação do estudante e se autoavalia, observando as várias etapas da aprendizagem, na busca de novos caminhos, estratégias pedagógicas, podendo melhorar suas ações didáticas e a aprendizagem dos educandos.

DESENVOLVIMENTO

O processo de ensino e aprendizagem ocorre de diferentes formas. A função da educação é transformar sujeitos e mundo em algo melhor. O homem só entende o processo de construção do saber quando aprende a problematizar suas práticas. Nesse sentido, o objetivo do processo de ensino e aprendizado é a formação do aluno, como ele vai ser capacitado, de quais formas a escola pode ajudar em seu processo de desenvolvimento. O papel da escola é proporcionar, não somente que o aluno aprenda a ler e a escrever, mas formar o aluno para o convívio, por meio de a educação mudar o rumo da sociedade, pois a finalidade da escola é proporcionar e desenvolver o aluno de forma integral

De acordo com Silva e Neto (2010, p. 128) “a aprendizagem é o processo cognitivo através do qual a pessoa adquire conhecimentos e se torna capaz de interagir com o mundo”. Para Coelho Júnior e Borges-Andrade (2008) aprendizagem formal é o tipo de aprendizagem referente a objetivos e tarefas que devem ser cumpridas, onde há métodos, técnicas, lugares e condições já pré-determinadas para ocasionar ideias, conhecimentos, valores, atitudes e comportamentos. Tem como finalidade expor para o sujeito algum tipo determinado de conhecimento ou habilidade, pretendendo que ele esteja capacitado, posteriormente, a desempenhá-lo.

Nos dias atuais, parecem fundamentais as reflexões que cercam os novos desafios da avaliação, associadas aos avanços que trilham em direção a uma educação de qualidade e democrática para todos. Os mecanismos de avaliação desempenham um papel fundamental, por vezes com consequências fatais, determinando até mesmo a exclusão do aluno.

Concebemos a avaliação da aprendizagem, como mecanismo de formar o indivíduo, respeitando suas diferenças e individualidade. O ato de avaliar não deve ocorrer somente no momento da prova, para atribuir uma nota ao possível conhecimento adquirido pelo aluno, deve ser contínuo, ocorrendo de forma processual e não em momentos estanques, que priorizam o medir e o testar.

Em linhas gerais, podemos admitir que avaliar algo ou alguma coisa é emitir juízo sobre esse algo ou alguma coisa. O ato de avaliar atribui ao indivíduo à responsabilidade de colher dados, dos quais lhe atribuirá condições de julgar sua qualidade e consequentemente auxiliar na tomada de decisão que acarretará consequências, sejam elas positivas ou não, pois, como ponderado por Perrenoud

(1999, p. 13), “não se avalia por avaliar, mas para fundamentar uma decisão”.

Já no cotidiano escolar, tanto para os alunos, quanto para os professores, o termo avaliar sempre esteve associado a práticas como aplicar provas, fazem testes, atribuir notas e conceitos, reprovar, etc. Esse tipo de associação é resultado de uma concepção tradicional de educação, na qual ensinar se restringe à transmissão de informações e aprender, por sua vez, memorização de conteúdos inquestionáveis. Nessa visão, o educador é o detentor e transmissor de todo o

conhecimento e o aluno não passa de um ser passivo e receptivo.

A avaliação é uma abordagem natural que transcorre para que o professor tenha uma consciência dos componentes assimilados pelos estudantes, assim como ter conhecimento das abordagens de ensino adotadas por ele estão provocando efeito na aprendizagem dos alunos. Antigamente, a avaliação tinha como significado aplicação de provas, atribuir uma nota e classificação dos alunos em aprovados e reprovados. Até os dias atuais existem alguns professores levam em consideração que avaliar concebe somente nesse processo. Porém, essa concepção aos poucos está sendo modificada.

Luckesi (2005) ressalta que o ato de avaliar implica dois processos articulados e indissociáveis: diagnosticar e decidir. Para o autor não é possível chegar a uma decisão sem que haja antes de tudo uma análise, como também não se pode apenas analisar sem que chegue a uma conclusão, para que se possa tomar uma medida. Ou seja, avaliar implica em aprimorar e realizar um processo de investigação ordenada de valor ou de mérito de uma determinada realidade. Desse modo, avaliar sugere apreciar ou estabelecer um juízo de valor.

Além disso, no que diz respeito ao processo avaliativo entre professor e aluno, é fundamental lembrar que esse é um dos elementos mais delicados referentes ao ensino e aprendizagem, pois é por intermédio desse que o docente deverá diagnosticar, ou seja, verificar, entender e colaborar com as necessidades apresentadas pelos seus educandos. À vista disso, de acordo com Freire (2004), avaliar é muito mais do que pontuar, selecionar ou classificar os alunos. O processo avaliativo deve ser entendido e desenvolvido a partir de feedbacks entre professor e aluno, o diálogo se faz necessário, assim como a reorientação e a construção de conhecimento nesse processo.

Por isto, o processo avaliativo deve estar intimamente ligado ao planejamento em suas mais variadas dimensões. Assim o professor poderá identificar as facilidades e dificuldades que os alunos apresentam e levantar hipóteses sobre as causas dessas dificuldades. Dessa maneira o professor estará atuando como um educador pesquisador, já que a avaliação é um processo de investigação intimamente ligada à pesquisa e a reflexão sobre a prática pedagógica. Nessa perspectiva as várias dimensões do desenvolvimento humano são contempladas, realizando uma educação inclusiva, dialógica, éticas e respeitadoras do processo individual de cada um.

A avaliação consiste em três modalidades, que são: diagnostica, formativa e somativa ou classificatória. Explanando um pouco mais sobre essas três funções:

Avaliação Diagnóstica é a avaliação que cria a base para tomada de decisões, é aquela realizada no início de um curso, período letivo ou unidade de ensino, com a intenção de constatar se os alunos apresentam ou não o domínio dos pré-requisitos necessários, isto é, se possuem os conhecimento e habilidades imprescindíveis para as novas aprendizagens, visa à caracterização do aluno no que diz respeito a interesses, necessidades, conhecimentos e ou habilidades, previstos pelos objetivos educacionais propostos, e à identificação de causas de dificuldades de aprendizagem. A avaliação diagnóstica também tem outra finalidade. De acordo com Haydt

(2004, p.23) ela tem o propósito de "identificar as dificuldades de aprendizagem, tentando discriminar e caracterizar suas possíveis causas."

Dando continuidade ao processo, ela explica que a "avaliação formativa, com a função de controle, é realizada durante todo o decorrer do período letivo, com intuito de verificar se os alunos estão atingindo os objetivos previstos, quais os resultados alcançados durante o desenvolvimento das atividades" (HAYDT, 2004, p. 17). Dessa forma, o professor tem o controle do que está se passando na sala de aula durante o processo de ensino-aprendizagem; sendo assim, o aluno conhece onde se encontram seus erros e acertos. Essa etapa serve de orientação para o professor e alunos terem motivação para alcançar os objetivos desejados.

Hoffmann (2001), defendendo a avaliação como uma ação mediadora entre o aluno e o conhecimento, define como princípio, primeiro, que a avaliação deve estar a serviço da ação, o que exige uma ação pedagógica

reflexiva e crítica. Para a autora, a avaliação mediadora confronta objetivos pretendidos e alcançados. Ressalta o apoio do planejamento para que educadores/avaliadores acompanhem e compreendam as progressões dos seus alunos e possam promover ações eficazes.

Em seu entendimento, o instrumento de avaliação serve como um questionamento à espera do imprevisível, do diferente, do novo, da reação de sujeitos diferentes, com suas respostas diferentes a uma pergunta comum a todos. Por isso, a rigor, na tarefa avaliativa, segundo a visão mediadora, não existem critérios precisos (re) pensados de antemão.

Por meio das afirmações de Perrenoud que "considera formativa toda prática de avaliação contínua que pretenda contribuir para melhorar as aprendizagens" (Perrenoud, 1999, p. 78), podemos dizer que a ação docente deve estar voltada a orientar o aprendizado do aluno por meio de uma avaliação contínua de todo o processo, onde ele terá oportunidade de rever seus erros e mudar seu comportamento no decorrer do período letivo. A avaliação neste contexto, não tem caráter excludente ou classificatório, muito pelo contrário, visa acompanhar o desenvolvimento do educando passo a passo, oportunizando uma aprendizagem significativa.

A avaliação somativa é um tipo de avaliação que visa, primordialmente, indicar o resultado do aluno durante o processo de aprendizagem. Enquanto a avaliação formativa é realizada durante esse processo, a avaliação somativa é feita ao final, tendo um caráter "classificatório". "A avaliação somativa é um processo de descrição e julgamento para classificar os alunos ao final de uma unidade, semestre ou curso, segundo níveis de aproveitamento, expressos em graus (notas) ou conceitos" (TURRA et al.,2019, p. 185).

Desta forma, a avaliação é confundida muitas das vezes com o ato de classificar, o que foge completamente do fundamento da avaliação, que não é classificar e sim uma tomada de decisão daquele determinado resultado. Para haver uma classificação é preciso sim conter uma avaliação, todavia após uma avaliação não necessariamente é preciso classificar. Esse processo de classificação existente nas escolas há algum tempo deve-se, também, pelo fato de existir uma forma de avaliar em que pressupõem realmente uma avaliação classificação, a qual busca um resultado final. Esse modelo de avaliação é citado por autores nas literaturas sobre avaliação e esse processo classificatório já faz parte do sistema.

A avaliação, na perspectiva somatória, apresenta como ideia principal o resultado final da aprendizagem, ou seja, aplica-se uma execução de instrumentos técnicos, como exames e provas. Dessa forma, apresenta certo medo aos alunos, com mensuração de notas.

Freitas (2004) define três aspectos essenciais da avaliação. O primeiro é aquele em que se verifica o domínio dos conteúdos e habilidades por meio de provas e exames. O segundo relaciona-se à avaliação do comportamento do educando, que passa a ser utilizado para controlar e manter a ordem na sala de aula, visto que o professor detém o poder de aprovar ou reprovar, baseado nos julgamentos que faz sobre o aluno. O terceiro aspecto refere-se aos valores e atitudes, situações do dia a dia da sala de aula como "repreensões verbais, comentários críticos" (FREITAS, 2004, p. 158).

Contudo, fica evidente que cada modalidade de avaliação possui funções específicas que podem ser desempenhadas nos mais diversos ângulos. Entretanto, suas finalidades irão variar de acordo com o planejamento e os objetivos que se pretendem alcançar. Desse modo, o professor deve se manter atento ao selecionar a categoria de avaliação a ser usada, já que sua ação influenciará diretamente o processo de ensino e aprendizagem do estudante. Villas Boas (2011, p. 58-59) elucida que os instrumentos de avaliação são:

[...] meios de comunicação que podem limitar ou expandir a possibilidade de o professor constatar o desenvolvimento de aprendizagens, as formas de pensar, expressar-se e compreender dos estudantes, assim como a qualidade da sua própria ação pedagógica. Podem expandir aprendizagens quando incorporam os objetivos da formação de maneira intensa e motivante, fazendo com que os estudantes utilizem a avaliação como

meio de comunicação de suas aprendizagens

É preciso enfatizar a necessidade de diversificados instrumentos avaliativos que possam oportunizar para que se tenha a clareza sobre o que precisa ser aperfeiçoado e obter mais dados para organizar o seu trabalho. Ao avaliar o rendimento escolar do aluno, o professor deve utilizar técnicas diversas e instrumentos variados, pois, quanto maior for a amostragem, mais perfeita será a avaliação.

Pode-se caracterizar a prova como um meio de avaliação mais comumente utilizado nas salas de aula e seu objetivo é dar respostas precisas ao que se pergunta já o portfólio utiliza uma maior comunicação entre o aluno e o professor, dando ao aluno mais autonomia e raciocínio do aluno, o seminário é mais utilizado para avaliação em grupo e podendo ser trabalhado a discussão e a interação entre os colegas no momento da apresentação, como também o trabalho em grupo que tem basicamente os mesmos objetivos do seminário sem ter a obrigatoriedade de apresentação.

Uma possibilidade é utilizar questões para preencher lacunas e questões objetivas. As provas também podem variar em provas orais, escritas, com consulta ou em pequenos grupos, mas para isso, o professor precisa refletir sobre os objetivos da atividade avaliativa. Outros exemplos de instrumentos avaliativos presentes no cotidiano escolar são as observações e registros diários ou ao final de uma etapa considerando o conteúdo e o que era esperado de acordo com o planejamento, a autoavaliação onde o aluno apresenta a percepção do seu desempenho e o portfólio.

A autoavaliação é um excelente recurso para o desenvolvimento pessoal do estudante, pois o incita a refletir e fazer um balanço de suas ações e, em seguida, avaliar o seu próprio desempenho, analisando se atingiu os resultados de aprendizagem. Scallon (2015) apresenta a autoavaliação como um processo que responsabiliza os indivíduos, ao mesmo tempo, que os coloca em situação privilegiada em relação ao retorno das observações em produções complexas, considerando esse feito como avaliação formativa.

De acordo com Salinas (2004), o seminário traz a possibilidade de que o aluno realize transformações de ordem conceitual (coleta, seleção, organização, relação e registro de informações), bem como tenha transformações de ordem procedimental (fazendo leituras, pesquisa, expressando-se oralmente) favorece ainda as transformações de ordem atitudinal (desenvolvimento do sentido de cooperação e auto-confiança).

O uso de portfólios na educação constitui uma estratégia que tem procurado corresponder às necessidades de aprofundar o conhecimento sobre a relação ensino aprendizagem, de modo a assegurar-lhe, a cada vez, melhor compreensão e mais elevados índices de qualidade. Tem-se desenvolvido esforços no sentido de uma melhor compreensão das implicações positivas que possam decorrer da sua utilização como estratégia de formação, de investigação, de avaliação e ainda como estratégia de investigação ao serviço da qualidade da formação.

Para Villas Boas (2011), o portfólio motiva o aluno à busca por novas formas de apreender, na medida em que observa suas produções, vai revelando suas capacidades e potencialidades. Com essa ferramenta, o professor vai além da verificação de aprendizagem, porque possibilita e incentiva não só ao aluno a mostrar o seu progresso, comunicar e defender sua posição, mas também ao professor na medida em que solicita maior atenção. Assim, o processo se torna parte da sua prática e lhe oferece novas indagações, lhe aponta prioridades na aprendizagem e o leva a manter uma reflexão permanente em relação a todos os atores envolvidos.

O Mapa Conceitual configura-se, assim, como um diagrama que indica as relações existentes entre conceitos ou palavras que são usados para representá-los. Esses diagramas buscam transmitir os significados ou as relações significativas, podendo transmitir hierarquias conceituais. O enfoque não está em classificar os conceitos, mas sim em suas relações, sendo que os conceitos contextualmente mais importantes devem ficar mais centralizados.

Assim sendo, os mapas conceituais podem

ser usados para distintas finalidades tais como: Avaliação da aprendizagem, Levantamento das concepções prévias dos estudantes, Planejamento das aulas do professor, desenvolvimento do Ensino, entre outras. Para Souza e Boruchovitch (2010) "o mapa conceitual é um dos instrumentos postos a serviço da avaliação formativa, ao configurar-se um dos meios para se alcançar um fim: assegurar que o estudante aprenda e se desenvolva".

De tudo isso, depreende-se facilmente que mapas conceituais são instrumentos diferentes e que não faz muito sentido querer avaliá-los como se avalia um teste de escolha múltipla ou um problema numérico. A análise de mapas conceituais é essencialmente qualitativa. O professor, ao invés de preocupar-se em atribuir um escore ao mapa traçado pelo aluno, deve procurar interpretar a informação dada pelo aluno no mapa a fim de obter evidências de aprendizagem significativa. Explicações do aluno, orais ou escritas, em relação a seu mapa facilitam muito a tarefa do professor nesse sentido.

Segundo Demo (2009) a posição do professor deve ser mudada de transmissor para instrutor porque seu papel é de educar, formar. Seu desafio é de provocação, orientação, instigação e principalmente cuidado. Para o autor o cuidar da aprendizagem vai muito além da sala de aula, do aspecto racional lógico porque perpassa para a formação da personalidade humana como um todo.

Para que a avaliação educacional escolar assuma o seu verdadeiro papel de instrumento dialético de diagnóstico para o crescimento, terá de se situar e estar a serviço de uma pedagogia que esteja preocupada com a transformação social e não com a sua conservação. A avaliação deixará de ser autoritária se o modelo social e a concepção teórico prática da educação também não forem autoritárias. Se as aspirações socializadas da humanidade se traduzem num modelo socializante e democrático, a pedagogia e a avaliação em seu interior também se transformarão na perspectiva de encaminhamentos democráticos.

CONCLUSÃO

A realização desta pesquisa possibilitou perceber que o êxito no processo ensino-aprendizagem depende, em grande parte, da interação professor-aluno, sendo que neste relacionamento, a atividade do professor é fundamental. O professor deve ser antes de tudo, um facilitador da aprendizagem, criando condições para que a criança se desenvolva de forma natural e gradativa. Nesse contexto, os recursos avaliativos devem ser usados no sentido de auxiliar esse processo, favorecendo o desenvolvimento das crianças sem a finalidade da promoção para o ano escolar seguinte, e com a preocupação de promover continuamente suas aprendizagens.

Assim, a avaliação da aprendizagem revela-se múltipla e complexa, demandando olhares de diferentes perspectivas para que a amplitude e magnitude do fenômeno educativo possam ser apreendidas de maneira mais consistente, crítica e com reais possibilidades de transformação. E permite a constatação dos avanços e dos entraves dos processos de ensino e aprendizagem, e, a partir de sua compreensão, é possível descobrir e propor alternativas tanto para o avanço e a ampliação do conhecimento de alunos como dos saberes e atuações pedagógicas de todo o corpo docente escolar.

Avaliar é na verdade, uma parada durante o percurso do aprender para verificar o caminho percorrido, perceber falhas e corrigi-las a fim de se chegar ao objetivo maior da educação que é a aprendizagem, preferencialmente de todos os alunos. Quando a avaliação tem o objetivo de observar se houve a aprendizagem, com o intuito de intervir no processo a fim de levar todos os alunos a aprenderem, não se baseia apenas em provas e testes que mais selecionam do que avaliam.

A escola, na sociedade democrática, tem função de colocar os seus alunos nas melhores condições para interagir com este mundo cheio de contradições e desafios. Uma escola comprometida com um novo tipo de sociedade democrática, solidária, participativa, fundada em valores que possibilitem o exercício da cidadania, reconhecendo a singularidade das pessoas e a sua própria, considerando que a avaliação é apenas um meio para diagnosticar as necessidades, as

dificuldades e os desvios da caminhada escolar, de forma a redefinir as ações pedagógicas para o êxito da construção do saberes pelos alunos, seria o ideal para a superação da maioria dos problemas existentes no cotidiano escolar.

Defende-se, aqui, que a avaliação da aprendizagem é um tema relevante na prática da sala de aula universitária, devendo ser estudado para colaborar com a aprendizagem, bem como compreender os diferentes aspectos que envolvem suas vivências. Em torno dessas ideias, destaca-se a relação com o saber, devendo valorizar o discente e as relações com a (re) construção de conhecimentos, considerando a realidade.

REFERÊNCIAS

COELHO JUNIOR, F. A.; BORGES-ANDRADE, J. E. Uso do conceito de aprendizagem em estudos relacionados ao trabalho e organizações. Paidéia, Ribeirão Preto, v. 18, n. 40, p. 221-234, 2008.

FREITAS, L. C. A avaliação e as reformas dos anos de 1990. Educação & Sociedade, Campinas, n. 86, p. 133-170, 2004.

HAYDT, Regina Célia Cazaux, Avaliação do processo de ensinoaprendizagem / 6. ed. - São Paulo: Ática, 2004.

HOFFMAN, J.M.L. Avaliação e construção do conhecimento. Educação e Realidade. vol.17, no.2, jul/dez. p.53-58, 2001.

LUCKESI, Cipriano. Avaliação da aprendizagem escolar. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2002. 180 p.

_____, Cipriano Carlos. Avaliação da aprendizagem na escola:
reelaborando conceitos e recriando a prática. 2. ed. rev. Salvador: Malabares Comunicação e Eventos, 2005.

PERRENOUD, Philippe. Avaliação: da excelência à regulação das aprendizagens: entre duas lógicas. Tradução de Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: Artmed, 1999.

SALINAS, D. Prova amanhã: entre a teoria e a realidade. Porto Alegre: Artmed, 2004.

SCALLON, G. Avaliação da Aprendizagem numa abordagem por competências. Curitiba; Pucpress, 2015.

SILVA, D. M.; NETO, J. D. O. O Impacto dos Estilos de Aprendizagem no Ensino de Contabilidade. Contabilidade Vista & Revista, v. 21, n. 4, p. 123-156, 2010.

SOUZA, N. A. e BORUCHOVITCH, E. Mapas conceituais e avaliação formativa: tecendo aproximações. Educação e Pesquisa, 36(3), 2010.

TURRA, C. M. G. et al. Planejamento de ensino e avaliação. 11. Ed. Porto Alegre: S. Luzzatto, 2019.

VILLAS BOAS, M. B. de F. Compreendendo a avaliação formativa. In:
VILLAS BOAS, M. B. de F. (Org.). Avaliação formativa: práticas inovadoras. Campinas: Papirus, 2011.